

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE LUIZ

**O QUILOMBO IVAPORUNDUVA E O ENUNCIADO DAS GERAÇÕES:
PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO COTIDIANO DA VIDA EM COMUNIDADE**



Fonte: Imagem capturada e cedida por Tânia Américo. (2008).

Universidade Metodista de Piracicaba

Piracicaba -2012

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VIVIANE LUIZ

**O QUILOMBO IVAPORUNDUVA E O ENUNCIADO DAS GERAÇÕES:
PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO COTIDIANO DA VIDA EM COMUNIDADE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metodista de Piracicaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Anna Maria Lunardi Padilha.

**Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – 2012**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profª Drª Anna Maria Lunardi Padilha - UNIMEP

Profª Drª Claudia Ometto – UNIMEP

Profº Drº Dagoberto José Fonseca – UNESP

Profº Drº Dennis de Oliveira – USP

Profª Drª Mariá Aparecida Pelissari - UNIMEP

AGRADECIMENTOS

Ao legado deixado pelos meus antepassados distantes e próximos. Aos meus pais, minha mãe, dona Ide e ao meu pai, seu Juvenal e minha avó Noêmia pela rica herança: o amor incondicional e por me constituírem com relações afetuosas e únicas, fazendo-me uma amante da vida.

Em especial às minhas valorosas irmãs Vera, Cira (em memória viva) e Piara (em memória viva) pelo apoio material e espiritual, pelo incentivo constante e pela inspiração que suas histórias de vida a mim representam.

Às minhas amadas sobrinhas Aline, Juliana, Danielle, Érika, Patrícia e Priscila que com suas particularidades me inspiram a lutar para ser o que sou e almejo ser e não o que os outros gostariam que eu fosse.

Às crianças da família: Anna Carolina, Victor Hugo, Maria Eduarda e Janaína, motivos de tanta alegria e responsáveis por tantos sorrisos.

Às crianças que pude ter como alunos, a quem ensinei, mas também muito aprendi.

Ao meu amor Laudessandro Marinho da Silva por entender os desafios deste meu momento de estudos e participar dele comigo.

Aos descendentes dos troncos familiares que originaram Ivaporunduva: Furquim, Pupo, Marinho, Pedroso, Meira, Rodrigues, Moraes.

Aos velhos da comunidade, bibliotecas vivas com quem tanto aprendo em especial a avó Arcília, uma franzina senhora de noventa e dois anos, a mais idosa da comunidade, mas não a menos disposta, sempre pronta a partilhar as histórias de Ivaporunduva com quem estiver disposto a perguntar e ouvir. A Dona Senhorinha e Seu Levi, Dona Beneditona, Beneditinha, às várias Beneditas da comunidade.

Agradeço ao vô Gaspar e a vó Ursulina, representantes dos Furquim que me possibilitaram apreender a dinâmica das famílias do Bocó que se encontram mais no sertão de Ivaporunduva.

Aos representantes mais jovens dos Furquim, a Jardete, Cristiano e Natan, pelos quais tenho muito carinho e consideração. Ao Natan, pequeno quilombola de Ivaporunduva, pelos valiosos ensinamentos constituídos nas relações sociais comunitárias bem como na sua alegria contagiante ao pescar, nadar no rio e ao participar das atividades sociais de sua comunidade.

A Ditão e Zé Rodrigues, Maria da Guia, Vandir, Silvestre, Paulão, Ivonete (Zica), Tostão, Admar, Oriel, Denildo (Bico), Olavinho, Setembrino, Érica, lideranças atuantes na vida da comunidade, solícitos para comigo todas as vezes que os solicitei;

Agradeço a dona Cacilda e ao seu Aparício e aos seus filhos, netos: Laudines (Pinga), Wiliam, Leonardo, Laudessandro (Destrói), Alexandro (Kaka), Setembrino, Laudixandra (Buja) e Alexandra (Turréis) com os quais pude conviver por longos períodos de tempo, muito obrigada pela carinhosa e hospitaleira acolhida.

De modo especial a Cristiane e Alexandro (Kaka), e suas filhas Carol e Bruna, e a Andréia, irmã de Cristiane, a primeira família a me acolher sobre seus tetos me oportunizando conviver com os Rodrigues e também com os Marinho, dois dos troncos familiares da descendência que origina Ivaporunduva.

À Maria da Guia e Zé Rodrigues, Ditão e Zilda, dois casais dentre outros, que admiro na comunidade Ivaporunduva pela militância externa articulada aos movimentos sociais e pela organização local e cotidiana da vida comunitária, sendo esta última significativamente representada pelas mulheres: artesãs, agricultoras, mães, educadoras, rezadoras, cozinheiras, donas de bar, mulheres batalhadoras, boas de prosa e trabalhadoras, quase sempre com sorriso largo e algumas com um tímido sorriso.

Agradeço a Anna, orientadora e amiga que contribuiu com o meu processo de desenvolvimento acadêmico e humano de forma generosa e harmonicamente coletiva, estudando comigo, ensinando e partilhando, mas também humildemente aprendendo.

A Hilda pelas conversas e refeições saborosas que eu recebia como um *carinho reanimador*, quando eu e a Anna estávamos prestes a *entregarmos os pontos* diante do cansaço mental ao realizarmos o fechamento dos textos, lá vinha Hilda, com um lanchinho, um cafezinho, um agradinho, obrigada pelo carinho Hilda.

A minha grande amiga Márcia Cristina Américo, companheira de estudos e produções acadêmicas, pelo incentivo constante e pela partilha de sonhos em comum. Agradeço também a sua filha queridíssima, a talentosa e sensível Amanda Nainá e a toda sua família em que generosamente permitiu que se tornasse também minha; à família Américo meu muito obrigado pelas acolhidas sempre tão carinhosas, família que se constituiu em um quilombo para mim durante esses anos de mestrado, meu muito obrigado a Dona Geni, ao Sr. Wilson, a minha amiga Tânia que generosamente concedeu-me belíssimas fotos que ilustram essa dissertação, a Ana e sua filha Hannah e ao Edinho que me presentearam por tantas noites com seus quartos, camas, carinhos, conversas e aconchegos.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela concessão da bolsa de estudo, sem a qual essa pesquisa não seria possível.

Ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba que acolheu meu projeto e às Professoras do Núcleo de Práticas Educativas e Processos de Interação do PPGE-UNIMEP: Anna Maria Lunardi Padilha; Maria Guiomar Carneiro Tomazello, Maria Inês Bacellar Monteiro e Cláudia Ometto.

Ao Professor Elias Boaventura pelas contribuições dadas em meu projeto inicial.

Agradeço a Dulce, “anjo negro” na secretaria do PPGE que me socorreu por várias vezes, e também a Angelise e a todas as demais atendentes sempre tão educadas e prestativas.

Ao amigo e engenheiro agrônomo Silas César Silva que através do projeto inicial da construção da ponte nos levou até a comunidade quilombo de Ivaporunduva.

A todas as crianças da comunidade quilombola de Ivaporunduva: ao Érik, Valdir e Fernanda representando todas elas que me concederam entrevistas, conversas e ensinamentos. Especialmente aos pais e avós das crianças com as quais realizei análise dos seus enunciados e dos enunciados de seus filhos e netos: Admar e Cleide, (pais de Érik), Dona Senhorinha, Seu Levi e Benedita, (avós de Érik); Vandir e Nadir (pais de Valdir), Benedita (avó de Valdir); Valquíria e Adelson (pais de Fernanda) e Ditão (avô de Fernanda) que me autorizaram a publicar as falas, fotos, bem como os conteúdos analisados com o intuito de narrar parte das práticas sociais estabelecidas na Comunidade Negra Agroflorestal Quilombo Ivaporunduva, objetivando disseminar o conhecimento da luta quilombola no meio acadêmico. Muito obrigada, sem vocês essa pesquisa não teria sido possível.

DEDICO ESTE TRABALHO

À minha irmã Vera Lúcia Luiz exemplo de mulher forte e determinada,
cujo apoio material e espiritual não só a mim, mas a toda nossa família nunca faltou.

Seu apoio foi imprescindível para a finalização dessa etapa de estudos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a Comunidade Negra Quilombo Ivaporunduva localizada na região do Vale do Ribeira entre os estados de São Paulo e Paraná - a partir dos enunciados de suas crianças, buscando compreender através de seus enunciados como significam sua história e a história de seu povo, bem como são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade. A metodologia adotada foi acompanhar o cotidiano desta comunidade e de suas crianças estabelecendo relações entre seus enunciados e o processo educativo desenvolvido por seus membros adultos. As crianças conhecem fatos da história do Quilombo Ivaporunduva, sentem-se membros da comunidade, falam do que ouvem de seus membros adultos, e que não querem a construção da barragem. Apropriam-se das palavras de seus pais e avós. Falam que querem estudar na cidade, mas que vão voltar. Seus conhecimentos são menos escolarizados e mais constituídos nas relações com os mais velhos.

No Quilombo de Ivaporunduva, a história cultural está fundamentada na tradição oral, que ocorre nas interações intra e entre famílias e comunidades quilombolas irmãs.

Palavras-chave: Quilombo – Crianças quilombolas – Práticas sociais

ABSTRACT

This paper aims to research the Black Community Quilombo Ivaporunduva located in the Ribeira Valley region between the states of São Paulo and Paraná - from the utterances of their children, seeking to understand through their statements as they signify their history and the history of his people, as well as their knowledge is meant for adults in the community storytellers. The methodology adopted was to follow the daily life of this community and its children by establishing relations between his statements and the educative process developed by adult members. Children know the facts of history Ivaporunduva Quilombo, feel members of the community, speak of what they hear from their adult members, and do not want the construction of the dam. They appropriate the words of their parents and grandparents. They say they want to study in the city, but that will come back. Their knowledge is less educated and more established relationships with elders.

In Quilombo Ivaporunduva, cultural history is based on oral tradition, which occurs in the interactions within and between families and communities maroons sisters.

Key-words: Quilombo – Children maroons – Social practices